



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Fernando Moreira Gomes

Desigualdade, Racismo e Xenofobia no Contexto da Prática de *Surf* em Portugal

Trabalho realizado sob orientação da

Professora Doutora Joana Cabral

novembro 2021



Fernando Moreira Gomes

**Desigualdade, Racismo e Xenofobia no Contexto
da Prática de *Surf* em Portugal**

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto

Para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto

No dia 26/11/2021, perante o júri seguinte:

Presidente: Professora Doutora Inês Martins Jongenelen

(Professora Associada da Universidade Lusófona do Porto)

Arguente: Professor Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva

(Professor Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Orientadora: Professora Doutora Joana Maria Barreto Ramos de Almeida Cabral

(Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

novembro 2021

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

AGRADECIMENTOS

Para que fosse possível realizar esta dissertação foi necessário muito apoio e incentivo de várias pessoas sem as quais não teria sido possível ultrapassar este desafio e às quais estou inteiramente agradecido.

Quero começar por agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Joana Cabral, pela sua orientação, pelo total apoio e disponibilidade que sempre mostrou, pelo saber que transmitiu, pelos elogios, críticas e principalmente pelo rigor, pela total colaboração em arranjar sempre uma solução para os problemas que foram surgindo ao longo da realização deste trabalho e, por todas as palavras de incentivo e de ânimo nas piores alturas.

Quero agradecer a todos os docentes da universidade e aos meus colegas de turma que me acompanharam no meu percurso académico e me ajudaram a crescer, quer a nível pessoal quer a nível profissional.

Quero agradecer aos meus familiares, especialmente à minha esposa, que foi a minha principal fonte de apoio incondicional, de encorajamento e de paciência nestes anos, e que sem ela teria sido mais complicado concluir este desafio com sucesso.

Nestes cinco anos de universidade foi possível criar uma “segunda família” onde foi possível partilhar experiências, risos, choros, brincadeiras, sobretudo a inter-ajuda incondicional que em muitos momentos foi essencial para não desistir. Por isso, o meu agradecimento vai para Joni Silva, Daniela Vagaroso, Sara tavares e Iris Coelho.

Desigualdade, Racismo e Xenofobia no Contexto da Prática de *Surf* em Portugal

Resumo

O surf é um desporto que cuja história em Portugal tem menos de uma década, no entanto está a ser confrontado com formas de preconceito e discriminação, de xenofobia e racismo que resultam até, por vezes, em conflitos e agressões físicas. O presente estudo procurou explorar as atitudes de racismo, discriminação e xenofobia, por parte dos praticantes de surf em Portugal, bem como a sua associação com as experiências de desigualdade e com os valores sociais da tradição e do poder. A amostra foi constituída através do método bola-de-neve e da divulgação junto de grupos de praticantes de surf. Participam no estudo 50 pessoas, na maioria homens ($n = 36$; 72%), com idades entre os 19 e os 59 anos ($M = 32.50$; $DP = 10.34$). A maioria concluiu o ensino secundário e metade a licenciatura. Os resultados das análises preliminares que exploraram as associações entre experiência e percepção de desigualdade, valores e racismo, revelaram um padrão expetável de associação entre as variáveis. Verificou-se que a valorização do poder e da tradição está associada a níveis mais elevados de racismo. O mesmo se verifica em relação à percepção de ameaça positivamente associada com as duas formas de racismo. Os resultados revelam ainda que a experiência pessoal de desigualdade está associada a níveis superiores de racismo, ao passo que percepção de desigualdade a nível nacional parece estar, pelo contrário, associada a crenças e atitudes menos racistas. O estudo aponta ainda que o impacto da experiência de desigualdade no racismo ostensivo é ampliado nas condições de maior valorização do poder e da tradição.

Palavras-chave: Discriminação, Desigualdade, cultura do Surf, Racismo

Inequality, Racism and Xenophobia in the Context of Surfing in Portugal

Abstract

Surfing is a sport that has less than a decade of history in Portugal, yet it is being confronted with forms of prejudice and discrimination, xenophobia and racism that sometimes even result in conflicts and physical aggression. This study sought to explore attitudes of racism, discrimination and xenophobia among surfers in Portugal, as well as their association with experiences of inequality and with the social values of tradition and power. The Study contribute to the understanding, prevention and intervention in the phenomenon, promoting racial and social equality. The sample was constituted through the snowball method and through outreach to groups of surfers. In all, the study had 50 participants, mostly men ($n = 36$; 72%), aged between 19 and 59 years ($M = 32.50$; $SD = 10.34$). Education ranged from 9th grade to PhD, with most completing high school and half completing undergraduate degrees. Descriptive statistical analyses were performed to characterize the sample and the variables under study. The results of the preliminary analyses that explored the associations between experience and perception of inequality, values, and racism revealed an expected pattern of association between the variables. Valuing power and tradition is associated with higher levels of racism. The same is true for the perception of threat, positively associated with both forms of racism. With regard to inequality, it should be noted that while personal experience of inequality is associated with higher levels of racism, perceived inequality at the national level seems to be, by contrast, associated with less racist beliefs and attitudes. It was found that there is a relationship between inequality and various forms of racism. The greater the personal experience of inequality, the greater the racism in its various forms. The study also confirms that the greater the perception of threat, the greater the modern racism and overt racism. The results support this premise, revealing that the greater the valuation of power, the greater the modern racism, as well as the greater the overt racism. The study further points out that overt racism is magnified when there is greater valorization of power.

Keywords: Discrimination, Inequality, Surfing culture, Racism

Índice

Agradecimentos	v
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Índice de Figuras.....	ix
Lista de Abreviaturas.....	x
1. Introdução.....	12
2. Método.....	20
2.1. Participantes.....	20
2.2. Procedimentos.....	20
2.3. Medidas.....	21
2.4. Análises.....	22
3. Resultados	23
4. Discussão	26
Referências.....	30

Índice de Figuras

Figura 1 – *Modelo de moderação: desigualdade, poder e racismo*

Figura 2 – *Modelo de moderação: desigualdade, tradição e racismo*

Figura 3 – *Modelo de moderação dupla: desigualdade, tradição, ameaça e racismo*

Lista de Abreviaturas

IBM SPSS 23 - *Statistical Package for the Social Sciences.*

IDP - *Inventário de Desigualdade Percebida.*

APA - *American Psychological Association.*

1. Introdução

Segabinazzi (2011) defende que os valores e a linguagem universal tão única que unem os surfistas, são algo tão puro e genuíno, como a paixão pelo mar e o respeito e a entrega pela natureza, que deveriam preservar-se de ser corrompidos pelos problemas e conflitos sociais. Contudo, ao longo da sua história a imagem estereotipada de indivíduos rebeldes e alienados foi dando lugar a uma modalidade desportiva e de estilo de vida para pessoas com diferentes perfis e motivações, que vão desde a liberdade até à popularidade, elitismo e a adoração (Reis, 2016). O surf é um desporto que cuja história em Portugal tem menos de uma década, no entanto está hoje a ser confrontado com formas de preconceito e discriminação, de xenofobia e racismo que resultam até por vezes em conflitos e agressões físicas, estes comportamentos sociais estão a aumentar entre os surfistas portugueses e entre os surfistas portugueses com os surfistas estrangeiros (Fernandes et al., 2017).

O que é desconhecido dificilmente é aceite, e os valores e cultura tendem a ser estáveis e pouco flexíveis à mudança, principalmente quando nos referimos a um país “pequeno” como Portugal, com tradições e cultura conservadores, fruto da história enquanto país colonizador e do regime ditatorial que vigorou durante várias décadas (Cashmore, 1987). Este trabalho, será focado nas desigualdades sociais, económicas que sustentam assimetrias nos estatutos sociais e na pertença de classe social e que podem provocar preconceitos e conflitualidade entre grupos sociais, visíveis no local de trabalho, ou na escola, mas também no desporto (Rodrigues, 2001). Este trabalho procurará explorar a presença destes fenómenos na prática do surf, considerando ainda o seu enquadramento à luz dos seus valores e cultura. Serão discutidas as consequências destes comportamentos para a cultura de equilíbrio e respeito do surf e as formas de intervir e combater os preconceitos, tirando partido das especificidades da história e cultura da prática do surf.

O surf é visto actualmente como um desporto de elite, (Zuch & Laus, 2011), mas na sua origem era considerado um desporto dos jovens carenciados. Importa assim discutir brevemente a origem e história do surf, dos seus valores para melhor refletir sobre a forma como esta cultura tem vindo a ser transformada pela competitividade e conflitualidade que também têm aumentado na sociedade atual. Sendo o surf um desporto reconhecido mundialmente e um dos desportos mais importantes em vários países, a comunidade de praticantes deste desporto é cada vez maior. Só nos últimos anos e muito devido ao fenómeno da “Onda da Nazaré” é que em Portugal o surf passou a ser “olhado” de outra forma. Ganhou

praticantes, simpatizantes e a ser respeitado enquanto desporto. A própria população que fazia uma barreira cultural contra esta sub-cultura tão peculiar, passou a aceitar e a agradecer que passem mais tempo nas várias praias onde fazem as suas exhibições e competições, pois também movimentam a economia e o turismo. Segundo Zucco (2002) e Segabinazzi (2011), os praticantes de surf formam uma sub-cultura ou uma espécie de tribo com um estilo próprio, uma relação com a natureza, a ligação ao mar, a sua própria linguagem que é conhecida mundialmente pelos surfistas. Já o autor Forneck em 2008, aprofundou o tema salientando a partilha dos surfistas, juntando os valores que os unem, os ideais e a própria cultura.

O surf surgiu há alguns séculos na Polinésia. As raízes do surf têm mais de 4000 anos, onde na região da Polinésia. O inglês James Cook visitou as Ilhas do Havai e descreveu minuciosamente, em vários documentos, o que tinha visto no Havai, o desporto que nunca tinha visto em mais nenhum lado. Ao descrever o desporto que via nestas ilhas em 1779, Cook refere que era praticado pelos habitantes indígenas com a utilização de pranchas feitas de madeira para surfar as ondas e aproveitar a força destas para os levarem para a praia. Este é o primeiro relato documentado sobre a existência do surf (Reis, 2019). Os primeiros surfistas da polinésia, acreditavam que se fabricassem a sua própria prancha, transmitiam todas as energias positivas para ela e, ao praticar o desporto, se libertavam das “energias negativas”. Os primeiros praticantes do surf acreditavam que sua prática seria um culto ao espírito do mar. O reconhecimento mundial do surf surgiu como o pai do surf moderno, o havaiano Duke Paoa Kahanamoku. O havaiano salientou que o seu treino diário passava por pegar na sua prancha de madeira e andar nas ondas. Acabou por divulgar e dar credibilidade ao surf para todo mundo (Reis, 2019).

Em Portugal o surf ainda não é um desporto aceite por todos e bem conceituado e publicitado. Quando começamos a ouvir falar de surf, percebemos que é um desporto relacionado com várias praias, tais como as de Leça da Palmeira, Carcavelos, Ericeira, Peniche e Nazaré. Em 1920 surgiram vídeos que comprovaram a existência de praticantes deste desporto, onde os praticantes de surf em Leça da Palmeira, estavam nas ondas com as suas pranchas. Em Portugal, o surfista, mais destacado foi Pedro Lima foi considerado o pai do surf português e um autodidacta (Martins et al.,2017). Nos anos 90, com a formação da selecção nacional do surf, o surf ganhou um cariz mais formal, organizado e assumiu-se como um desporto mais respeitado, por isso, o estigma de que era um desporto direccionado

somente para jovens carenciados, uma sub-cultura de hippies ou um *hobbie*, acaba por se desfazer (Santos, 2011).

Em 1989 Portugal tinha criado o seu primeiro circuito nacional de surf e organizou também o Campeonato Europeu de surf “Selecciones”, que se realizou em Aveiro. No mesmo ano Portugal recebeu pela primeira vez uma etapa do Campeonato Mundial de surf. Já 1990 a praia da Ericeira recebeu a competição *Boundi Pro* e em 1991 realizou a primeira prova nacional na cidade de Espinho com prémio de valor monetário. Em 2010 Portugal recebeu o Campeonato Mundial de surf, denominado, *World surf League* que se realizou na praia de Peniche. Mais recentemente, em 2012, o surfista, Mcnamara “controlou”, na Nazaré, a, considerada maior onda, até hoje registada em todo o mundo. Este foi e é considerado até hoje, um momento histórico para o surf português e internacional.

Nem todos o reconhecem como uma prática onde todos, inclusive crianças, podem aprender sobre o respeito, partilha, amizade, competição saudável, participação, adrenalina, respeito pela natureza, sobre o próprio “eu” e os seus limites, as nossas capacidades, a socialização, a cooperação e a coesão grupal (Costa, 2019) Só nos últimos 5 anos, com as várias etapas do surf realizadas em Portugal, a representação generalizada começou a mudar e a reconhecer as características únicas e formas de ver e viver a vida do surf (rodolfo, 2021). Até recentemente os surfistas eram negativamente rotulados tanto a nível social como económico (Zuch & Laus, 2011).

Há uma procura por parte dos jovens e adultos de estar na moda, de procurar novos desafios, novas emoções, seja com vestuário, telemóveis, com desportos radicais. Há estratos sociais que vivem rodeados praticamente de tudo e por isso é muito difícil encontrar algo que satisfaça a necessidade da adrenalina, como defendeu o João Cidreiro Lopes (1999). O surf por vezes é a solução escolhida. Principalmente agora que é visto como um desporto conceituado, que não é economicamente viável para todos, que exige treino, dedicação e muito empenho, que tem provas, competições, nacionais, estrangeiras, com participantes de todos os países, o que nestes últimos cinco anos fez com que em Portugal as mentalidades das famílias da classe alta passassem a valorizar que os filhos aprendessem e praticassem surf (Federação Portuguesa de Surf, 1989)

Ainda que de uma forma lenta e com pouca adesão, mas com o tempo, as notícias, os media, a presença de estrangeiros nas rotas nacionais, acaba por dar mais credibilidade a este desporto que era antes visto como um *hobbie* para quem não tinha nada para fazer e para

grupos de hippies que iam para a praia brincar com o mar (Zuch & Laus, 2011). A mudança nestas representações acaba por ser consequência das mudanças na sociedade global e em Portugal onde o próprio desporto surf está agora a ganhar mais protagonismo e é procurado pelas famílias e jovens que querem estar na moda (Schwartz, 2005).

Um desporto que assentava na partilha, amizade, cumplicidade, alegria, participação, acaba por sentir as consequências de ser um grupo minoritário, mas de forma interna, ou seja, mesmo dentro do surf, há preconceito entre os surfistas, surfistas portugueses e também entre os surfistas portugueses e os estrangeiros (Reis, 2019). Um desporto de paixão e entrega ao mar, começou por ser praticado por miúdos sem poder económico e agora que as televisões destacam o surf ou a famosa Nazaré e as suas ondas, nas novelas, séries e publicidade, acaba por motivar pelo protagonismo, não pela aprendizagem e participação, mas pela possibilidade de irem para competição e serem reconhecidos (Esportelandia, 2019). Os valores de aprendizagem, simplicidade e desapego ao materialismo do surf são assim desvalorizados e substituídos pela busca do estatuto que o desporto oferece (Brown, 2009). Nesta ótica, o desporto está a ser desvirtuado entrando num mercado onde a competição será o foco, o que irá consequentemente aumentar o impacto das desigualdades na dinâmica das relações entre a comunidade de praticantes e desportistas. Os valores do surf vêm-se assim *invadidos pela luta de estatuto*, pela violência simbólica e estrutural da que a desigualdade implica, com consequências na dificuldade de acesso ao desporto. Este impacto será mais intenso para indivíduos percecionados como minorias, comparativamente às elites, que detêm um maior monopólio (Ho, 2007).

O indivíduo tem o papel central, mas estará sempre integrado em dinâmicas de interação com os seus pares, seja com pais, professores, colegas, num determinado contexto e tempo (Bronfenbrenner, 1998). Nos grupos primários estão inseridas as relações pessoais espontâneas e diretas, como na família, na escola e no grupo de amigos. Os grupos secundários geralmente também formais, possuem contactos indirectos, e relações interindividuais mais impessoais, como se encontram num local de trabalho, num sindicato ou num partido político. Segundo o autor Luis Rodrigues em 2010, os grupos formais são caracterizados por normas e hierarquia; cada membro sabe o seu papel e o que é esperado dele, em alguns casos há regulamento internos. Já num grupo informal, o autor salienta que os membros estão unidos por laços afectivos, gostos e interesses, que respeitam as mesmas normas e têm os mesmos objectivos. Não há hierarquia ainda que possa existir um líder. Este

formato tende a caracterizar grupos de amigos da escola, ligados pelos mesmos interesses e nomeadamente ao desporto (Rodrigues, 2010).

Os grupos são micro-culturas sociais, caracterizados pelo sentimento de pertença que partilham, pelos objetivos em comum, pelos gostos (Giddens, 2007). Neste caso específico, o surf é caracterizado pela entrega e pela paixão em relação ao mar, pela natureza incontável, fascinante, independentemente de fatores externos. É no mar que quem pratica o surf encontra a sua paz, a calma, a alegria, é ali que há a união entre o ser humano e a natureza, um momento único.

O autor Garfinkel em 1999 defende que os grupos minoritários são muitas vezes vítimas de preconceito, discriminação e racismo. O preconceito define-se, por opiniões que um grupo de indivíduos têm acerca de outros indivíduos (Giddens, 2007). Baseiam-se em rumores, ou nas suas bases culturais e fazem juízos de valor, sem se aproximarem para realmente conhecerem o grupo (Duneier & Molotch, 1999).

A etnicidade refere-se ao conjunto de especificidades culturais e identitárias que unem indivíduos de um mesmo grupo grupos étnicos e distingue estes entre si (Giddens, 2007). À luz de critérios de etnicidade, um determinado grupo culturalmente percebido como exogrupo e demograficamente pequeno, em relação à restante sociedade tida como demográfica e culturalmente mais normativa, é considerado um grupo étnico minoritário, em função das suas práticas culturais, da sua história, da sua linguagem, da sua religião, da sua forma de vestir, ou seja, do seu estilo muito próprio (Giddens, 2007). Este grupo tem algo que os une e que partilha, uma identidade social entendida como distinta e particular.

O etnocentrismo, como é o caso do eurocentrismo que vigora na Europa e em Portugal, provoca discriminação, quer ao nível interpessoal quer institucional e estrutural, pois impede os grupos minoritários de viverem e acederem a todas as oportunidades da sociedade a que acedem os elementos dos grupos tidos como majoritários, que se sentem superiores culturalmente e se baseiam nessa superioridade para discriminar e manter os seus privilégios (Giddens, 2007). Já o autor, defendeu que o preconceito tem uma componente cognitiva e emocional e provém de emoções negativas e de ódio, sem fundamento, em relação a um grupo social. Já a discriminação, caracterizada por ações negativas que resultam do preconceito e da sua carga emocional (Linville, 1989; Monteiro, 2009).

As sociedades são feitas de normas e valores que caracterizam cada cultura, (Giddens, 2007). Cada sociedade e cada indivíduo tem um padrão específico de comportamento, que pode ser percebido como estranho a um indivíduo que venha de outra sociedade, com uma cultura diferente, pois encontra-se (Giddens, 2007; Beck, 1992). As discriminações começam muitas vezes pela falta de aceitação da diversidade cultural. Quando cada indivíduo defende a sua sociedade, a sua cultura, onde cresceu e socializou com os seus pares e família, diferentes culturas de confrontam, como acontece por exemplo entre pessoas nativas e imigrantes de outros países, aí já as tensões surgem (Beck, 1992). A integração e a inclusão são difíceis devido ao preconceito, ao racismo, à discriminação, e à exploração e competitividade económica. Estas problemáticas invadem as notícias diariamente, quando se referem às populações que procuram melhores condições de vida em outros países ou refúgio e segurança face a guerras e perseguições políticas e religiosas (Beck, 1992).

O sentimento de pertença a um grupo pode implicar desconfiança perante outros grupos, pois apresentam-se com outros costumes e crenças (Cabecinhas, 2007). Em simultâneo surge a sensação de que o grupo a que se pertence – endogrupo - é superior aos restantes. Que os valores e crenças que defende, são os correctos. Logo há a tentativa de liderar os restantes grupos - exogrupos -, através de dominação simbólica. O objectivo é alterar os valores, costumes e crenças dos grupos que se consideram inferiores – exogrupos - para aderirem aos mesmos valores do endogrupo, percebido como grupo “principal” e “maioritário”. Segundo Stephen Walter (1985), este tipo de sentimento e comportamento promove a coesão do grupo, ou seja, o sentimento de pertença ao endogrupo.

O modelo da ameaça de Stephan e Stephan (2000) surge para explicar o preconceito e discriminação. O modelo de ameaça descreve quatro dimensões: a simbólica/cultural, a realista, a relacionada com os estereótipos negativos, e, por fim, a ligada à interacção com o exogrupo. O modelo da ameaça simbólica/cultural é particularmente relevante para este trabalho e diz respeito à forma como grupos minoritários foram e continuam a ser tratados, constatando a existência de uma ameaça simbólica e cultural, um etnocentrismo cultural ainda bastante visível (Giddens, 2007; Rodrigues, 2007). A tradição, os valores, a cultura, as normas, ainda impedem os grupos minoritários na actualidade, provocando a discriminação e racismo. Pessoas e grupos xenófobos, racistas ou etnicistas defendem a sua posição de superioridade em relação aos restantes grupos, seja pelo seu poder económico, seja pela sua cultura, pela sua classe ou estatuto social (Barker, 1981). O autor Barker em

1981, denominou este racismo como sendo um novo racismo, pois não se baseia apenas em agressões físicas, mas subtis, tais como micro-agressões (e.g., exclusão dos indivíduos dos círculos sociais, negando o acesso a estes) que têm impacto na vertente emocional.

A classe social tem peso na sociedade e define o estilo de vida que devem ter ou escolher os vários elementos da família. Como defendeu o autor Pierre Bourdieu em 1986, as classes sociais estruturam a sua identidade, as suas actividades, os seus gostos culturais e de lazer, de acordo com o seu poder económico e não obrigatoriamente de acordo com os seus gostos e interesses. Com o objectivo de manter a adesão a uma classe social, algumas pessoas chegam a passar necessidades para manter uma imagem social com as actividades ocupacionais (Crompton 1998, como citado em Giddens, 2007), de modo a manter o estatuto.

Estas dinâmicas são antigas, mas intensificaram-se nos últimos anos com a globalização, as dependências económicas, as crises, acabando por atingir áreas culturais e desportivas e aumentando a visibilidade das desigualdades (Modood, 1997). A globalização, processo que intensificou a interdependência entre os diversos países, tanto a nível económico, político, cultural como social, teve consequências diárias na vida dos indivíduos (Beck, 1992). Facilitou a socialização entre as populações, através dos media, internet e da cultura popular, como também o contacto pessoal com pessoas de outros países, alterou e altera diariamente os hábitos e a forma de pensar de cada um e a social e colectiva (Giddens, 2007). A tecnologia, o stress e as exigências e objectivos profissionais e financeiros tomaram conta da vida dos indivíduos. Nos dias de hoje, onde se salienta a mudança, o conflito, as tensões e divisões sociais, torna-se cada vez mais complicado alcançar um equilíbrio harmonioso (Giddens, 2007).

Os indivíduos são frutos de uma sociedade, de normas e valores que lhe são transmitidos através da cultura. Vive-se numa sociedade que valoriza a cultura individualista e capitalista, herdeira do sistema colonial e da ideologia de supremacia branca, europeia e ocidental (Cornell & Hartmann, 1998). Em Portugal, verificam-se assimetrias na percepção do estatuto social, decorrentes das desigualdades sociais que se estruturaram com base neste legado colonial e de estratificação do capital. A hierarquização dos grupos obedece então a critérios de racialização, em função dos traços fenotípicos, nomeadamente a cor da pele e de rendimento e estatuto social. Aos brancos é atribuída uma posição superior e aos negros uma posição inferior, sendo atribuída aos mestiços uma posição muito mais próxima dos negros

do que dos brancos (Cabecinhas, 2003). O mesmo acontece em função de critérios de rendimento e classe social. Estas são as bases da discriminação étnico-racial, da xenofobia e do classismo.

O surf está muito divulgado pelo mundo, também por Portugal que é o que pretendemos focar, há canais de televisão direccionadas para estes desportos, para estes estilos de vida e cada vez há mais jovens a quererem praticar. Mas realmente as mentalidades demoram vários anos a mudar, criam-se barreiras, preconceitos, atitudes de xenofobia, racismo, tudo isto é mais fácil do que aceitar o desconhecido. Actualmente e olhando para trás, somente há cerca de 5 ou 6 anos a atitude tem vindo a mudar em Portugal (Santos, 2011).

Mas o importante é que o estigma que caracterizava o surf desapareça, que o respeitem como desporto que é, que valorizem os valores que partilha, que respeitem a natureza, o mar e principalmente uns aos outros. Como anteriormente salientamos, os antigos acreditavam que deixavam as “energias negativas” no mar e carregavam as energias positivas. Na natureza, no mar, no desporto, somos todos iguais, o que une os surfistas é um sentimento muito puro e genuíno, uma paixão pelo mar (Martins et al., 2017).

Este trabalho desenvolve-se em torno do contributo do desporto surf para uma sociedade que está a deparar-se com o preconceito, o racismo, a xenofobia, em que as desigualdades sociais estão na base destes comportamentos e atitudes.

Este trabalho foi realizado com o objectivo de explorar a presença destas representações e atitudes sociais dentro da comunidade surfista de Portugal. Analisando mais concretamente as associações entre percepção de desigualdade, valores sociais e racismo e xenofobia.

2. Método

2.1. Participantes

A amostra foi constituída através do método bola-de-neve, através da divulgação junto de grupos de praticantes de surf. Ao todo o estudo contou com 50 participantes, na maioria homens ($n = 36$; 72%), com idades entre os 19 e os 59 anos ($M = 32.50$; $DP = 10.34$). Os rendimentos variam entre “200 e 250€” mensais ($n = 2$; 4%) e os “mais de 2000€” ($n = 8$; 16%), sendo que a maioria é mais de metade auferir entre “1500€ e 2000€”. A escolaridade varia entre o 9º ano e o doutoramento, sendo que a maioria conclui o ensino secundário e metade a licenciatura.

2.2. Procedimento

O estudo segue em desenho transversal e correlacionar. Os dados foram recolhidos junto de uma amostra de conveniência e do método bola-de-neve, através de plataforma online (Google Forms), entre fevereiro e junho de 2020. O link foi partilhado através das redes sociais Facebook e Whatsapp. Foi referido que os dados de identificação recolhidos para o efeito não seriam associados aos restantes dados recolhidos. Para garantir a qualidade dos dados, serão seguidas as recomendações metodológicas e éticas para a investigação online da American Psychological Association (APA). Os participantes foram devidamente informados dos objectivos do estudo, assim como do carácter anónimo e confidencial da sua eventual participação, sendo garantido e recolhido o consentimento informado, em consonância com os princípios éticos e deontológicos da investigação em ciências sociais e humanas.

A análise estatística dos dados foi realizada através do programa IBM Statistical Package for the Social Sciences (IBM SPSS 25).

2.3. Medidas

O questionário sociodemográfico permitiu a recolha de dados sociodemográficos e de um conjunto de variáveis relacionadas com a posição social, a condição económica e ocupacional e a auto-identificação étnico-racial.

Escala de Suporte a Direitos das Minorias (Nata, 2007). Foi usada a escala de percepção de ameaça, que inclui três itens sobre a percepção de ameaça cultural, aumento da insegurança e da criminalidade associadas à presença de imigrantes. As respostas foram dadas numa escala tipo *Likert* de 7 pontos, onde 1 encontra-se no “Discordo completamente” e 7 “Concordo completamente”.

Intolerant Schema Measure (Aosved, Long, & Voller, 2009; versão para investigação traduzida por Rebocho & Cabral, 2018). Utilizou-se a sub-escala de avaliação do racismo. A subescala divide-se em duas dimensões, a do racismo antigo e do racismo Moderno. Racismo antigo avalia o racismo explícito ou ostensivo. O racismo moderno debruça-se sobre a medição atitudes racistas encobertas. As pontuações variam de 1 a 7, com maiores pontuações indicando maiores níveis de intolerância. No atual estudo a subescala tem um *alpha de cronbach* de .82.

Escala de diferenças culturais (Nata, 2007). Esta escala da autoria de Pettigrew e Meertens (1995) pretende medir o preconceito subtil e foi adaptada e aplicada por Gil Nata (2007). Esta avalia como os sujeitos se colocam perante a aparência, as crenças e práticas religiosas e hábitos e costumes de diferentes grupos étnicos. Adoptaram-se as categorias imigrantes, asiáticos, negros. As respostas são dadas numa escala de *Likert* de 1 a 7, permitindo um tratamento métrico dos resultados. Quanto mais alta a pontuação maior a percepção de semelhança. Os valores de consistência interna são adequados: $\alpha_{\text{imigrantes}} = .77$, $\alpha_{\text{ciganos}} = .76$, $\alpha_{\text{europeus}} = .88$, $\alpha_{\text{negros}} = .68$, e $\alpha_{\text{asiáticos}} = .84$.

Valores Sociais (Gato, 2012). Foram utilizadas apenas 13 afirmações sobre valores e orientações motivacionais. Foi pedido aos indivíduos para lerem as afirmações e indicarem o grau de semelhança com a pessoa descrita (por exemplo: “Uma mulher para quem é importante ser rica. Quer ter muito dinheiro e coisas caras”). A resposta é dada numa escala tipo *Likert* de seis pontos, onde 1 corresponde a “Exactamente como eu” e 6 “Não tem nada a ver comigo” (Elias, 2010). No atual estudo foram usadas apenas as subescalas conservação ou tradição com *alfa de cronbach* de .63 e a dimensão poder com um *alpha* de .31. Uma vez que escala poder tem apenas 2 itens o que tende a reduzir a sua consistência interna medida

através do *alfa de cronbach*, reporta-se também a média de correlação inter-item (.18) que se encontra no limiar dos valores recomendados.

Inventário de Desigualdade Percebida (IDP; Antunes, Ferreira, Moreira, Moreira, Pasion & Cabral, 2016). O inventário permite avaliar as experiências subjetivas de desigualdade, é constituído por 68 itens e por diferentes subescalas, nomeadamente: recursos materiais e económicos; estatuto social; mobilidade social; controlo percebido; proteção social percebida; e justiça. É solicitado ao participante que preencha o questionário com base numa escala tipo *Likert* de seis pontos de 1 “Discordo totalmente” a 6 “Concordo totalmente”. Foram usados os somatórios globais relativos à experiência pessoal de desigualdade ($\alpha = .88$) e à perceção da realidade nacional ($\alpha = .91$).

2.4. Análises

A análise estatística foi realizada com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para *Windows*, versão 23, com um nível de significância definido a 0.05.

Foram realizados testes de diferenças com o objetivo de comparar as duas subamostras, a de praticantes de surf e a de não praticantes de surf e análises de associação e correlação entre variáveis. Foram realizados testes T para amostras independentes e correlações de *Pearson* quando cumprido o pressuposto da normalidade das distribuições e alternativa não paramétrica (testes de *Mann-Whitney* e correlação de *Pearson*) quando este pressuposto não se revelou cumprido. A normalidade das distribuições foi analisada através dos valores de assimetria e curtose e dos testes de normalidade. Adicionalmente foram realizados testes a efeitos de moderação (interação) com o modelo de regressão linear segundo a abordagem sugerida por Marôco (2007) e utilizando a macro *Process*, versão 3.5, para o SPSS (Hayes, 2020), de forma a identificar se as variáveis dos valores sociais tradição e poder moderam a relação entre desigualdade e racismo e discriminação. Para eliminar a colinearidade não essencial estas análises foram feitas com as variáveis independentes centradas, isto é, cada valor da variável foi subtraído da média da variável em questão (Marôco, 2007).

3. Resultados

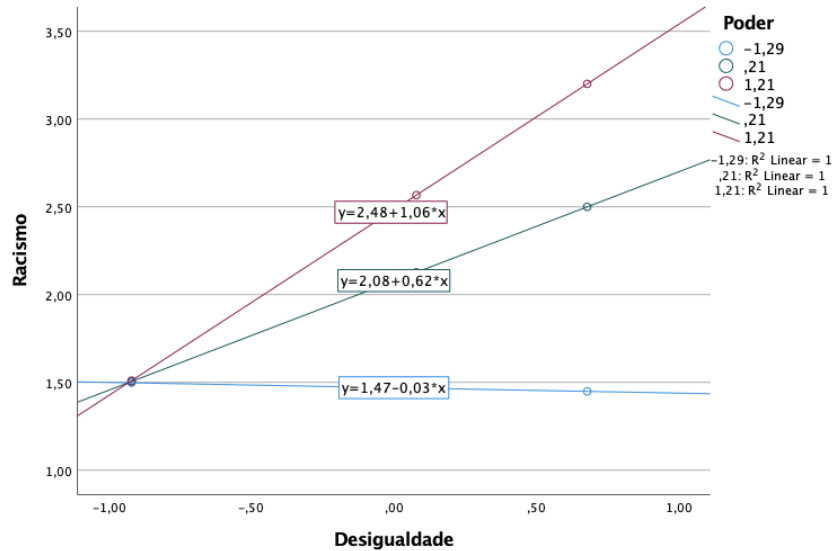
Análises preliminares

Verificam-se correlações significativas e moderadas entre desigualdade e racismo moderno e ostensivo ou antigo. Níveis superiores de experiência de desigualdade estão positivamente correlacionados com níveis superiores de racismo moderno e ostensivo ($r_s = .331$, $p = .030$; $r_s = .322$, $p = .024$). Inversamente, níveis superiores de percepção de desigualdade a nível nacional estão negativamente correlacionados com níveis inferiores de racismo moderno e ostensivo ($r_s = -.390$, $p = .006$; $r_s = -.310$, $p = .003$). No que respeita aos valores sociais da tradição e poder, verifica-se que níveis superiores de valorização do poder estão associados a níveis superiores de racismo moderno e ostensivo ($r_s = .357$, $p = .012$; $r_s = .474$, $p < .001$). Na mesma linha, níveis mais elevados de valorização da tradição estão positivamente associados a níveis mais elevados de racismo moderno e ostensivo, embora a correlação seja apenas marginalmente significativa no segundo caso ($r_s = .512$, $p < .001$; $r_s = .272$, $p = .059$). Verifica-se ainda assim uma correlação positiva e significativa entre percepção de ameaça (à cultura e à segurança do país) e as formas modernas e ostensivas de racismo ($r_s = .304$, $p = .034$; $r_s = .443$, $p < .001$). O padrão de correlações confirma as associações esperadas.

Análise de moderação

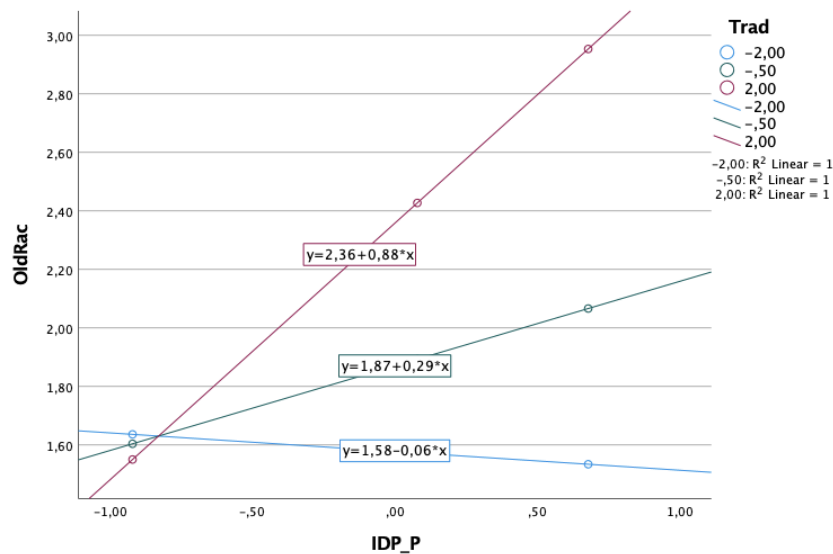
No caso dos modelos de regressão para o teste do efeito de moderação pelo poder na associação entre experiência de desigualdade e racismo ostensivo, os resultados indicaram que o modelo final é estatisticamente significativo e explica 35,4% da variância, ($R^2 = .354$, $F(2,45) = 8.22$, $p = .002$). A experiência de desigualdade e a valorização do poder são preditores positivos do racismo ostensivo ($\beta = .53$, $p = .006$ e $\beta = .41$, $p = .003$) e verifica-se ainda significativo o efeito de interação ($\beta = .45$, $p = .03$). Verifica-se que a inclusão do termo de interação acresce significativamente ao poder explicativo do modelo ($\Delta R^2 = .072$; $F(1,45) = 5.02$, $p = .03$). Confirma-se assim um efeito de moderação na associação entre experiência de desigualdade e racismo antigo/ostensivo, pela variável poder. O efeito da experiência de desigualdade é potenciado pela elevada valorização do poder.

O gráfico 1 permite verificar que é o efeito da experiência de desigualdade no racismo ostensivo é significativamente amplificada na condição de maior valorização de poder.

Figura 1 – *Modelo de moderação: desigualdade, poder e racismo*

No caso dos modelos de regressão para o efeito de moderação pela tradição na associação entre experiência de desigualdade e racismo ostensivo, os resultados revelaram um modelo final estatisticamente significativo, que explica 26,9% da variância, ($R^2 = .269$, $F(3,45) = 5.52$, $p = .003$). A experiência de desigualdade e a valorização da tradição não se revelaram quando isolados preditores significativos. Verifica-se, contudo, um efeito de interação significativo na condição de elevada tradição ($Z = .877$; $t = 3.18$, $p = .0026$).

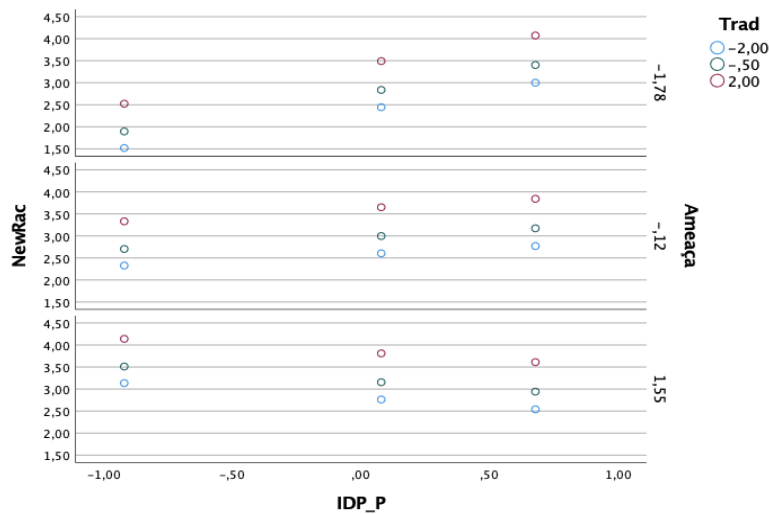
O gráfico 2 permite verificar que o efeito da experiência de desigualdade no racismo ostensivo é significativamente amplificado na condição de maior valorização da tradição. Verifica-se ainda o efeito contrário no caso das condições de baixa valorização da tradição. Níveis superiores de experiência de desigualdade, nas condições de baixa valorização da tradição, predizem níveis inferiores de racismo ostensivo.

Figura 2 – Modelo de moderação: desigualdade, tradição e racismo

Exploraram-se em seguida efeitos de moderação através da variável percepção de ameaça, aqui tomada enquanto correlato da valorização da tradição.

Os resultados de um modelo de dupla moderação, revelaram um modelo final estatisticamente significativo, que explica 53,34% da variância, ($R^2 = .523$, $F(5,43) = 9.44$, $p < .0001$). O teste aos efeitos de interação revelou-se um acréscimo significativo da variância nos casos da interação entre desigualdade e percepção de ameaça ($\Delta R^2 = .147$; $F(1,43) = 13,33$, $p = .0007$) e ainda no caso da dupla moderação entre a desigualdade, tradição e ameaça ($R^2 = .159$; $F(2,43) = 7.15$, $p = .03$). verifica-se ainda significativo o efeito de interação ($\beta = .002$). Verifica-se que a inclusão do termo de interação acresce significativamente ao poder explicativo do modelo ($\Delta R^2 = .072$; $F(1,45) = 5.02$, $p = .03$).

O gráfico 3 Permite verificar que o efeito da experiência de desigualdade no racismo ostensivo é significativamente amplificado na condição de maior valorização da tradição e elevada ameaça. Verificando-se ainda o efeito contrário no caso das condições de baixa valorização da tradição e percepção de ameaça. Observa-se assim para níveis superiores de experiência de desigualdade, nas condições de baixa valorização da tradição e baixa percepção de ameaça, se verificam níveis inferiores de racismo moderno.

Figura 3 – *Modelo de moderação dupla: desigualdade, tradição, ameaça e racismo*

Confirmaram-se assim efeitos de moderação na associação entre as variáveis experiência de desigualdade e racismo, pela variável tradição, no caso do racismo ostensivo, e da tradição e da percepção de ameaça, no caso do racismo moderno. O efeito da desigualdade é potenciado nas condições de elevada valorização da tradição e elevada percepção de ameaça. Pelo contrário, em condições de baixa valorização da tradição e percepção de ameaça, níveis superiores de desigualdade experimentada estão associados a níveis inferiores de racismo moderno.

4. Discussão

O presente estudo procurou assim contribuir para o aprofundamento do conhecimento relativamente ao racismo, discriminação e xenofobia vivenciados pelos praticantes de surf. O surf surgiu a nível mundial e desenvolveu-se mais rapidamente nuns países do que em outros. Muitos países receberam e aderiram a esta nova modalidade de desporto com grande facilidade e com altas taxas de adesão. O que levou a que estes países vissem no surf a oportunidade de criar as condições necessárias para os surfistas, direccionadas para a sua cultura, os seus valores, ideais e necessidades. Surgiram sociedades e comunidades com economias desenvolvidas com base nas culturas surfistas, nos percursos das competições, das provas, locais onde aceitaram os surfistas como desportistas, respeitados como outros desportistas de outras modalidades.

Este estudo procurou explorar as atitudes de racismo, discriminação e xenofobia, por parte dos praticantes de surf em Portugal, bem como a sua associação com as experiências de desigualdade e com os valores sociais da tradição e do poder. O trabalho tem ainda o objetivo de contribuir para a compreensão, prevenção e intervenção no fenómeno, promovendo a igualdade racial e social e, diminuindo as potenciais consequências psicológicas e impacto das mesmas ao longo da vida (Crocker, Major & Steele, 1998; Jones et al., 1984; Link & Phelan, 2001).

Os resultados das análises preliminares que exploraram as associações entre experiência e percepção de desigualdade, valores e racismo, revelaram um padrão expetável de associação entre as variáveis. Verifica-se a valorização do poder e da tradição está associada a níveis mais elevados de racismo. O mesmo se verifica em relação à percepção de ameaça positivamente associada com as duas formas de racismo. Em relação à desigualdade é de notar que enquanto a experiência pessoal de desigualdade está associada a níveis superiores de racismo, a percepção de desigualdade a nível nacional parece estar, pelo contrário, associada a crenças e atitudes menos racistas. O que parece sugerir que a experiência pessoal intensifica o sentido de ameaça e competição intergrupar, ao passo que a percepção nacional poderá estar a captar a sensibilidade e a capacidade de reconhecer a desigualdade social.

Constatou-se que existe uma relação entre a desigualdade e as várias formas de racismo. Quanto maior a experiência pessoal de desigualdade, maior o racismo nas suas diferentes formas. A discriminação surge quando existe uma comparação social do endogrupo dominante que compete a nível económico, de modo a manter o estatuto, em relação a um exogrupo (Cabecinhas, 2007). Assim, a percepção de desigualdade pode intensificar a ideia de insegurança no acesso a bens e oportunidades (Tajfel, 2010). O estudo confirma ainda que quanto maior a percepção da ameaça, maior o racismo moderno e o racismo ostensivo.

Este sentimento de ameaça que pode refletir-se em racismo, instrumentaliza-se através da manutenção e valorização do poder (Wacquant, 2013). Os resultados suportam esta premissa, revelando que quanto maior a valorização do poder maior o racismo moderno, assim como maior o racismo ostensivo. O “poder”, cumpre interesses individualistas de defender o estatuto social, prestígio e de controlo sobre as pessoas e recursos (Tamayo, 2007). O estudo aponta ainda que o racismo ostensivo é ampliado quando há maior valorização do poder. Pelo contrário, quando existe uma menor valorização do poder e da tradição, e uma baixa percepção da ameaça, o efeito da percepção da desigualdade no racismo

ostensivo e moderno parece diminuir, e os resultados apontam para um menor racismo face à experiência de desigualdade.

A percepção de desigualdade no racismo ostensivo e racismo moderno ainda é ampliada quando há uma maior valorização da tradição e quando está presente uma elevada percepção de ameaça, segundo revelam os resultados. Quando falamos sobre “tradição”, falamos sobre um valor coletivista, que representa os usos, costumes, práticas e símbolos de um coletivo (Tamayo, 2007). A valorização da tradição pode assim refletir a experiência de uma ameaça simbólica (Stephan & Stephan, 2000). Assim, de forma a protegerem a sua identidade dessa ameaça simbólica, os indivíduos movem-se procurando manter uma autoestima e distinção grupal positivas, favorecendo o endogrupo e desqualificando o exogrupo (Tajfel, 2010).

O poder e a tradição são valores assim que regulam as relações intergrupais entre indivíduos e grupos com origens pertencas diversas, seja do ponto de vista da classe social, étnico-racial ou da nacionalidade. São valores que refletem a organização estratificada da sociedade e que assim reforçam e são reforçados através das desigualdades, podendo contribuir para a manutenção do racismo moderno e o ostensivo que se refletem no desporto do surf, como noutros sectores da sociedade.

Os valores enquanto sistemas de avaliação e negociação irão integrar juízos sociais e normas culturais que irão funcionar enquanto guiões para a socialização e integração dos indivíduos numa sociedade (Reimão 1996). Os valores podem cumprir com diferentes interesses. Existem assim um conjunto de motivações universais que dão origem e organizam os diversos valores nas diferentes culturas (Gouveia, Martinez, Meira, & Milfont, 2001). Embora exista um consenso geral no que diz respeito às potencialidades do surf acerca da criação de redes de socialização e afinidade em espaços comunitários, a exclusão no desporto também é referida pelos praticantes.

Este trabalho e os seus resultados permitem confirmar relatos e a experiência empírica de alguns praticantes de surf, relevando a existência de preconceitos e discriminações no contexto da comunidade e fica mais consistente a noção e a relevância da importância de desfazer estes preconceitos, desigualdades, xenofobias e promover a essência do desporto, do surf, dos seus valores como o universalismo, a benevolência, o hedonismo, o bem-estar pessoal e a estimulação (Gato, 2013).

Muitos estudos têm vindo a fortalecer esta ideia de inclusão e promoção do desporto, tal como, o estudo de Marivoet em 2016. De facto, os estudos apontam que o desporto deve ser inclusivo, ainda assim, com o objectivo de fazer com que o desporto se torne

efectivamente inclusivo os jovens mais desfavorecidos, são muitas vezes sujeitos a discriminação ou aqueles com menores capacidades desportivas, são alvo de discriminação, abuso e exclusão social. Há uma necessidade iminente e pertinente para a construção de ferramentas socio desportivas de intervenção, que potenciem o desenvolvimento positivo de relações interpessoais (Marivoet, 2016).

Portugal tem condições para implementar projectos que favoreçam a aceitação e integração através da prática do surf. São várias as competições nacionais e internacionais que passam anualmente pelas praias da Nazaré, da Ericeira ou de Peniche e que permitem condições para desenvolver uma economia e cultura direccionada para a cultura surfista. A nível de desenvolvimento social, de integração, de socialização, de desenvolvimento económico e principalmente de interacção entre população e comunidade surfista seria uma mais-valia para o equilíbrio e bem-estar de todos, da população em geral, para uma mudança de mentalidades e, consequentemente, para a desconstrução de sentimentos preconceituosos que vêm da sociedade. Quando estamos a falar de surf falamos de um desporto de entrega ao mar, que implica aprender a respeitar a natureza, o equilíbrio, o bem-estar consigo próprio e que, na sua origem, implica ainda o respeito uns pelos outros e uma união muito própria; porque o que une os surfistas, somente os surfistas sentem.

Assim através deste estudo, esperou-se fornecer alguns meios que permitam reflexões mais amplas acerca da implementação de possíveis projectos de acção de combate às consequências das discriminações raciais, racismo e xenofobia em Portugal. O estigma tem impactos significativos ao nível da saúde mental, existindo maior propensão para sintomatologia depressiva, stress, alienação e tendência suicida, pelo que surge como uma área a ser amplamente explorada.

Considerou-se como limitação deste estudo o facto de ter sido realizado durante a propagação do Covid-19, o que consequentemente desmotivou os praticantes de surf, não estando muitos deles disponíveis para participar no estudo e, também, a escassa literatura disponível para sustentar os dados obtidos.

Referências

- Aosved, A. C., Long, P. J., & Voller, E. K. (2009). Measuring Sexism, Racism, Sexual Prejudice, Ageism, Classism, and Religious Intolerance: The Intolerant Schema Measure. *Journal of Applied Social Psychology*, 39(10), 2321–2354. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2009.00528.x>
- Barker, M. (1981). The new racism: Conservatives and the ideology of the tribe. *Junction Books*.
- Cabecinhas, R. (2003). Categorização e diferenciação: A percepção do estatuto social de diferentes grupos étnicos em Portugal.
- Cabecinhas, R. (2007). Preto e branco: a naturalização da discriminação racial. *Campo das Letras*.
- Costa, A. (2019) *A grande Onda da Nazaré*. Observador. <https://observador.pt/especiais/a-grande-onda-da-nazare-como-o-sonho-louco-de-um-grupo-de-portugueses-se-transformou-num-fenomeno-a-boleia-de-mcnamara/>
- Esportelandia. (2019, Novembro 11). *Regras do surf*. <https://www.esportelandia.com.br/surf/regras-do-surf/>
- Federação Portuguesa de Surf. (1989, Março 14). *História* <https://www.surfingportugal.com/historia/>
- Fernandes, F., Ribeiro, R., & Ferreira, A. (2017). A Comunicação de Portugal como destino de Surf: análise exploratória. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1(27/28), 703-712.
- Forneck, G. R. (2008) Os padrões e estratégias da competitividade da indústria de
- Gato, J. (2013). De que falamos quando falamos de preconceito contra a homoparentalidade: Atitudes face à competência parental e ao desenvolvimento psicossocial das crianças. In *Famílias no plural: alargar o conceito, largar o preconceito. Atas da Conferência* (pp. 59-85). Lisboa, Portugal: ILGA Portugal & CRIA.
- Giddens, Anthony (2007), *Sociologia*, Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa

- Gouveia, V. V., Martínez, E., Meira, M., & Milfont, T. L. (2001). A estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 6, 133-142.
- Marivoet, S. (2010). Sociological Approach on Sports Ethics in a Context of Social Change. *Physical Culture and Sport. Studies and Research*.
- Monteiro, M. Manuela; Ferreira, T. Pedro (2009) *Ser Humano – Psicologia B.12 ano- Porto Editora – Porto*
- Nata, G. (2007). Diferença Cultural e Democracia. Identidade, cidadania e tolerância na relação entre maioria e minorias. (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto
- Portugal, A. C., Martins, F. M. L., Campos, F., & Melo, R. (2017). Caracterização dos turistas de surf em Portugal: “lazer sério”, comportamentos de viagem e atributos de destino. *Exedra: Revista Científica*, (2), 106-124.
- que a envolve.
- Rebocho, M. (2019). A Herança Lusotropicalista e o Espectro do Racismo em Portugal: das Formas Explícitas às Subtis. Tese de Doutoramento. Universidade Lusófona
- Reimão, S. (1996). Mercado editorial brasileiro. *ComArte, Fapesp*.
- Reis, P. (2016). Quem somos? À descoberta da identidade do surfista!. *Atas de II Encontro Científico da I2ES*, 95-97.
- Reis, P. (2019). A CULTURA DO SURF: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO. *Atas do V Encontro Científico da UI&D-ecUI&D´ 19*, 239-240.
- Rodolfo, (2021) *Saiba mais sobre a história do surf em Portugal*. <https://www.superprof.pt/blog/historia-surf-portugal-surf-mundial-surf-ericeira>
- Rodrigues, Luís (2001). *Psicologia 12 ano. Plátano Editora S.A*
- Santos, Clara, Silva, Conceição (2008). *Formação Cívica. Edições Asa*
- Santos, S. H. (2011). *Factores competitivos: mergulhando no turismo de surf* (Doctoral dissertation).

- Schwartz, Shalom H. (2005). Valores humanos básicos: Seu contexto e estrutura intercultural. In: TAMAYO, A; PORTO, J. Valores e Comportamento nas organizações.
- Segabinazzi, R. C. (2011). O estilo de vida da tribo do surf e a cultura de consumo sendo. *Bookman*.
- Solomon, M. R. O (2011). Comportamento do Consumidor: Comprando, possuindo e
- Stephan, W. G., Diaz-Loving, R., & Duran, A. (2000). Integrated threat theory and intercultural attitudes: Mexico and the United States. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31(2), 240-249. <https://doi.org/10.1177/0022022100031002006>
- surfwear em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC
- Tajfel, H. (Ed.). (2010). Social identity and intergroup relations (Vol. 7). *Cambridge University Press*.
- Tamayo, A. (2007). Hierarquia de valores transculturais e brasileiros. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 23, 7-15. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000500003>